

A construção de sentido a partir das isotopias temáticas e figurativas: análise semiótica de duas narrativas de Ítalo Calvino em “As Cidades Invisíveis”

Maria Magda de Lima Santiago

Faculdade de Letras UFMG – PosLin

Introdução

Tomando o texto prioritariamente como um objeto de significação, a Semiótica Greimasiana preocupa-se em estudar os mecanismos que o engendram, que o constituem como um todo significativo e procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz, examinando, em primeiro lugar, o seu plano de conteúdo, concebido sob a forma de um percurso global que simula a “geração” do sentido. Esse percurso, nomeado por Greimas “Percurso Gerativo de Sentido”, é estruturado em três níveis, que vão do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto: o Fundamental, o Narrativo e o Discursivo, cada um deles dotado de uma sintaxe e de uma semântica.

Tentando descrever sua realização dinâmica em forma de discurso e as possibilidades de abstrações do leitor no processo de leitura, o P.G.S. busca simular a produção e a apreensão de sentido no Nível Discursivo, ponto de vista aqui abordado, tratando da *tematização* e da *figurativização*. No Nível Fundamental, o mais profundo e abstrato, estão as categorias semânticas (ou oposições) de base e o segundo nível, o Narrativo, é formado pelo Esquema Narrativo Canônico - manipulação, competência, performance e sanção.

A sintaxe do Nível Discursivo passa pelas categorias de pessoa, espaço e tempo e é abordada na análise da narrativa que descreve a cidade de Isidora. Este trabalho, porém, concentra-se nos temas, figuras e isotopias que têm lugar no componente semântico do Nível Discursivo, espaço por excelência das determinações ideológicas. É no campo da semântica que podem ser desveladas as idéias, os valores, os (pre) conceitos presentes numa dada sociedade, num dado momento histórico. Como afirma LARA (2004, p. 97):

Os temas e figuras são assimilados por cada homem, ao longo de sua educação, constituindo a sua consciência e, conseqüentemente, sua maneira de pensar o mundo. A semântica discursiva é, pois, o campo da determinação ideológica propriamente dita.

Tanto as figuras quanto os temas são níveis de concretização dos elementos semânticos. As figuras analisadas recobrem e manifestam os temas e estes vão compor um ou mais Percursos Temáticos, que serão identificados através da análise das isotopias temáticas e figurativas. A Isotopia determina o plano de leitura da narrativa, o caminho do sentido e seu conceito é discutido em seguida. As figuras criam o ‘tecido’ do texto, seu encadeamento, estabelecem relações que, identificadas, permitem avaliar a trama que constituem. Para Bertrand (2003, p. 213), o figurativo precisa ser assumido por um tema para ser compreendido, pois a “tematização consiste em dotar uma seqüência figurativa de significações mais abstratas que têm por função alicerçar os seus elementos e uni-los, indicar sua orientação e finalidade, ou inseri-los num campo de valores cognitivos ou passionais”.

O conjunto dos temas (ou traços semânticos abstratos), e o conjunto das figuras (ou traços sensoriais e concretos), “materializam” as formações ideológicas, desvendadas através do *parecer de sentido*. “Para achar o tema que dá sentido às figuras ou o tema geral que unifica os temas disseminados num discurso temático, é preciso apreender os encadeamentos das figuras ou dos temas, ou seja, os percursos figurativos ou temáticos” (FIORIN, 2005, p. 106).

Nessa perspectiva, uma das formas de aclarar as maneiras como cada cultura aborda determinados assuntos é examinando as ligações paradigmáticas que os temas e figuras a eles relacionados mantêm entre si. Por outro lado, seria também necessário apreender o contexto sintagmático, que se manifesta por meio das *isotopias* que atravessam os múltiplos discursos que circulam nessa cultura, pois são elas – enquanto traços semânticos recorrentes – que lhes conferirão homogeneidade e coerência.

A *isotopia*, noção tomada de empréstimo ao domínio da Física e re-significada no quadro da semiótica, pode ser definida como a recorrência de categorias sêmicas ao longo de um texto, sejam elas temáticas ou figurativas. A isotopia é uma espécie de plano de leitura que confere ao texto uma unidade de sentido, muito fácil de ser reconhecida

em textos humorísticos, por exemplo, em que a graça está justamente na mudança do plano de leitura primeiramente proposto. A partir dessa definição, podemos perceber que a coerência semântica do discurso é função de isotopias temáticas e figurativas ou de uma isotopia temática ao menos (LARA, 2004, p. 48-49).

Os *percursos semânticos* (temáticos e figurativos) e as *isotopias* representam duas formas distintas de se olhar o mesmo discurso. Segundo Barros (1988, p. 125), na dimensão paradigmática estão os *percursos semânticos* (umas figuras chamam as outras, um tema sucede ao outro); as *isotopias* estão no nível sintagmático, em que a recorrência dos traços abstratos e figurativos correspondem à sintagmatização das configurações. Bertrand (2003, p.190) considera que a coerência de um texto assenta, de início, em uma suposição de isotopia, antecipada pelo leitor e atualizada pelos elementos que forem compatíveis com o plano de leitura imaginado.

II. Análises

II.1. Eutrópia

A análise da narrativa “As Cidades e as Trocas 3” (anexo I) permite identificar no discurso um percurso temático que o atravessa do início ao fim, o da *Coletividade*, que evidencia o conjunto e minimiza o individual. Há uma recorrência de traços que indicam a isotopia do coletivo: as várias cidades sob o nome de Eutrópia não estão dentro de nenhuma hierarquia, não são identificáveis entre si e as figuras usadas para sua descrição demonstram a frugalidade das diferenças entre elas – os moradores se deslocam “através de cidades que pela exposição ou pela pendência ou pelos cursos de água ou pelos ventos apresentam-se com alguma diferença entre si” (CALVINO, 1994, p. 62).

A identidade individual, tanto das cidades, “todas do mesmo tamanho e não dessemelhantes entre si”, quanto das pessoas, é reconhecida no discurso, mas se mostra leve como um vestígio, quase uma ilusão, como se o coletivo lançasse uma nuvem sobre o individual. O movimento dos sujeitos obedece a uma ordem conjunta, os habitantes da cidade mudam-se, ao mesmo tempo, para a cidade vizinha, estando aí inscrita uma concordância ou ainda uma redundância de pensamentos e comportamentos.

Os deslocamentos ocorrem com tranquilidade, justificada na narrativa pela ausência de “grandes diferenças de riqueza ou de autoridade” (de novo a semelhança). A singularidade dos discursos dos habitantes é restrita ao nível de expressão, quando é descrito que eles “contam as mesmas anedotas com diferentes combinações de palavras” (CALVINO, 1994, p. 62).

A partir disso foram identificados os temas da *Mudança, do Deslocamento e da Coesão*, que reforçam o Percorso Temático da *Coletividade*, pois apresentam elementos, trabalhados semanticamente, que criam a impressão do coletivo. “A noção de isotopia conserva a idéia de recorrência de elementos lingüísticos, redundância que assegura a linha sintagmática do discurso e responde por sua coerência semântica” (BARROS, 1988, p. 124).

A princípio o tema da *Mobilidade* remete à modificação para melhor – “assim as suas vidas se renovam de mudança em mudança, através de cidades” – mas no final da narrativa o lexema muda de sentido, desencadeia outra isotopia, e *Mobilidade* passa a não mais significar *Evolução*, mas *Repetição*, numa ruptura que determina novo efeito de sentido. “Um mesmo percurso pode agir sobre duas ou mais isotopias diferentes e, paralelamente dois percursos diferentes podem reunir-se numa mesma isotopia” (LARA, 2004, p. 107).

Subjacente ao tema da *Repetição* está o tema da *Superficialidade*. Ambos são figurativizados pelos lexemas “turnos, bocejos iguais, tédio, tabuleiro vazio”, remetendo à *Inércia* ou *Estagnação*. “Tabuleiro vazio”, que se refere ao ondulado planalto onde se localizam as cidades, figurativiza o tema da superficialidade e evidencia que a escolha dos lexemas leva em conta seu significado no contexto espacial e temporal durante o processo de construção do sentido. Eles são, segundo Greimas, condensações que recobrem as estruturas narrativas e discursivas mais complexas. “(...) les lexèmes se présentent souvent comme des condensations recouvrant pour peu qu’on les explicite, des structures discursives et narratives fort complexes” (GREIMAS, 1983, p. 225).

Assim, o Percorso Temático apresentado na narrativa e que transpassa o primeiro, da *Coletividade*, é o da *Estagnação*, lembrando que a leitura consiste em selecionar e justificar uma ou mais isotopias que comandam a significação global. Os habitantes voltam a recitar as “mesmas cenas com atores diferentes”, “a variedade é assegurada pelas múltiplas incumbências.” A renovação é superficial, figurativizada nas

mudanças aleatórias de espaço, já que a cidade e seus habitantes seguem iguais através do tempo. A cidade continua o seu caminhar coletivizado, de mobilidade aparente, repetitivo, estacionado, vazio. Uma não-mobilidade, não-evolução, ou uma *Estagnação*. Como afirma o narrador, “Eutrópia permanece idêntica a si mesma” (CALVINO, 1990, p. 63).

A referência ao milagre de Mercúrio, Deus dos Volúveis, é uma figurativização que enriquece a conclusão de que em Eutrópia as alterações de espaço são concomitantes à imobilidade da identidade coletiva. Uma volubilidade representada pela inconstância, impermanência no espaço e pela estabilidade, tradição de comportamentos, fixidez no tempo. A renovação se dá no plano físico - enquanto o corpo se transfere de espaço; os outros planos (mental, social, cultural, afetivo) se mantêm iguais, imobilizados ou estagnados.

II.2. Isidora

A análise semiótica da narrativa “As Cidades e a Memória 2”, do mesmo livro, permitiu identificar o Percurso Temático do *Envelhecimento*. No Nível Fundamental estão as oposições de base *Juventude x Velhice* sendo a *velhice* figurativizada, no discurso, pela recordação e pelo sonho e a *juventude* pelo desejo, pelas lutas, fatura sexual, capacidade para o trabalho. Sobre as categorias do nível fundamental, Fiorin coloca que “para que dois termos possam ser apreendidos conjuntamente, é preciso que tenham algo em comum e é sobre esse traço em comum que se estabelece uma diferença” (FIORIN, 2005, p. 21).

A figura “caracóis marinhos”, da metáfora “escadas em caracol incrustadas de caracóis marinhos”, onde o lexema aparece duas vezes, desencadeia a isotopia da *Circularidade*, da *Infinitude*, respectivamente pela forma do signo icônico “caracol” e pela extensão do mar, referido através de “marinhos”. Esta *isotopia*, ou plano de leitura, cria o efeito de sentido da *Cadeia da Vida*: nascimento, juventude, velhice, morte. “Tal representação figurativa assenta na seleção, entre as numerosas virtualidades semânticas de cada unidade lexical, dos elementos de sentido compatíveis com seu entorno imediato, a fim de formar isotopias” (BERTRAND, 2003, p. 39).

As figuras “binóculos e violinos perfeitos” desencadeiam o tema da *Competência*, relacionado, no discurso comum, à juventude; as três mulheres para um só estrangeiro estabelecem o tema da *Fatura*

Sexual, também ligada à juventude; e a figura “lutas sanguinolentas” remete à *Energia e Irresponsabilidade Juvenil*. Para reforçar, as idéias são aproximadas pela anáfora “onde”, que se repete três vezes entre as afirmações, delineando a *Isotopia da Juventude*, a partir dos temas identificados.

O ‘contexto sintagmático’, produzindo isotopias, permite reter das unidades de conteúdo apenas os elementos compatíveis entre si, operando, dessa forma, uma seleção discursiva (ou local) necessária e tornando, assim, possível, discursivamente, a homogeneidade dos temas e figuras (LARA, 2004, p. 107).

A partir daí define-se uma outra etapa do texto e pode-se dizer que a debreagem de tempo (até então os verbos estavam no presente), no lexema “pensava”, que marca o pretérito, desencadeia a *Isotopia da Velhice*. A figura dos velhos sentados no murinho da praça olhando a juventude passar concretizam o tema do envelhecimento. Para eles não existem a competência laboral, os jogos amorosos nem as brigas viris, apenas as lembranças e os sonhos (“Os desejos agora são recordações”). Sobre o procedimento de debreagem, que pode ser actancial, temporal e espacial, Bertrand explica que essa operação “consiste em uma separação, uma cisão, uma pequena ‘esquiza’ ao mesmo tempo criadora, por um lado, das representações actanciais, espaciais e temporais do enunciado e, por outro, do sujeito, do lugar e do tempo da enunciação” (BERTRAND, 2003, p. 90).

As debreagens temporais (ou variações de tempos verbais) se destacam no discurso, os tempos enunciativo (presente) e enuncivo (pretérito imperfeito) se alternam. O texto se inicia por um discurso no presente durativo contínuo “cavalga longamente” e portanto a debreagem de tempo é enunciativa. Nesta primeira parte da narração os verbos estão todos no presente (sente, chega, têm, fabricam, encontra, degeneram) e se referem à *Juventude*. Na segunda parte, que trata da *Velhice*, intercala-se o pretérito imperfeito com seu aspecto durativo, inacabado, criando efeito de sentido de recordação (ele “pensava”, “desejava”, Isidora “é”, a cidade o “possuía” jovem, ele “chega” em idade avançada). Esse vai e vem entre os dois tempos (iniciado no lexema “pensava”) representa o movimento da lembrança, caracterizando o Tema da *Recordação*, dentro do Percurso Temático do *Envelhecimento*. Pode-se relacionar a

partir daí, a *Velhice* ao presente e a *Juventude* ao passado. “Na praça, há o murinho dos velhos que vêem a juventude passar; ele *está sentado* ao lado deles” (CALVINO, 1990).

Quanto à debreagem espacial, “o homem que cavalga por *terrenos selváticos*” (espaço do jovem – o lá) dá lugar ao homem que se senta *na praça* (espaço do velho – o aqui) para ver a juventude dos outros.

III. Conclusão

Por meio da Análise Semiótica do Discurso identificou-se na primeira narrativa a referência ao conjunto, ao coletivo e a negação ou anulação das individualidades e subjetividades dos habitantes, determinando uma associação entre a noção de coletividade e a definição de massificação, no sentido de homogeneização, uniformização.

O discurso se constrói sobre oposições: o percurso temático da *mobilidade* se opõe ao percurso temático da *estagnação*. Pode-se extrair uma “falsa” mobilidade, previsível, repetitiva, superficial. Uma aparência de multiplicidade, de dinamismo, de renovação e, em seguida, um vazio admitido pelo narrador – a imobilidade, a inércia, a não-evolução, a permanência de estado.

O percurso temático maior, da *Estagnação*, é identificado através do tema da *Mobilidade* (que significa ‘troca’ de lugar, lexema que aparece no título da narrativa) relacionado ao tema da *Repetição*, determinando *Superficialidade*. Se evidencia por meio das figuras que recobrem o tema da *Constância ou Permanência* dos comportamentos ao longo do tempo; e por meio das semelhanças (ou restritas dessemelhanças) descritas sobre as cidades e as pessoas.

Há certa ironia na oposição apresentada na narrativa, volubilidade confessada, figurativizada no Deus Mercúrio, como se o regime de veridicção (a verdade do discurso) estabelecido, primeiramente tentasse “ludibriar” o narratário, através da ilusão de *renovação* e depois entregasse uma verdade oculta, desvendasse o sentido que estava por trás (ou um novo plano de leitura), que surpreende pela oposição direta: a *estagnação*.

A segunda narrativa, como a primeira analisada, possui figuração abundante, com alta iconicidade (o grau mais alto da figuratividade enquanto representação do mundo natural). As isotopias figurativas recobrem dois temas maiores, a *Juventude* e a *Velhice*, caracterizando o *Percurso Temático do Envelhecimento*.

São utilizadas tanto debreagens temporais quanto espaciais. As debreagens de tempo, alternadas, criam a impressão de presente e passado e produzem o efeito de sentido de *Recordação*, remetendo à *Velhice*, figurativizada pelos velhos sentados no muro. As debreagens de espaço marcam a diferença entre os espaços do homem jovem e do homem velho. As diversas figuras recobrem os temas da *Competência*, *Sensualidade*, *Virilidade* e *Energia da Juventude*, e as figuras que utilizam o lexema “caracol” confirmam o ciclo infinito de vida e morte, construindo a Isotopia da *Cadeia da Vida* no *Percurso Temático do Envelhecimento*. Na narrativa, a figura dos velhos na praça surge no discurso após as figuras que indicam a eficácia da juventude no trabalho, no amor e na luta, assim como a velhice vem depois da juventude na ordem natural.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do Discurso: Fundamentos semióticos*. São Paulo: Ed. Atual, 1988.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da Semiótica Literária*. São Paulo: EDUSC, 2003.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COURTÈS, Joseph. *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Coimbra: Almedina, 1979.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

FIORIN, José Luiz. Pragmática. In: _____. (Org.). *Introdução à lingüística II: Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Du Sens II: Essais Sémiotiques*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

LARA, Gláucia M.P. *O que dizem da língua os que ensinam a língua: Uma análise semiótica do discurso do professor de português*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

Anexo 1 - As Cidades e as Trocas 3 – Eutrópia

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990

“Ao entrar no território que tem Eutrópia como capital, o viajante não vê uma mas muitas cidades, todas do mesmo tamanho e não dessemelhantes entre si, espalhadas por um vasto e ondulado planalto. Eutrópia não é apenas uma dessas cidades mas todas juntas; somente uma é habitada, as outras são desertas; e isso se dá por turnos. Explico de que maneira. No dia em que os habitantes de Eutrópia se sentem acometidos pelo tédio e ninguém mais suporta o próprio trabalho, os parentes, a casa e a rua, os débitos, as pessoas que devem cumprimentar ou que os cumprimentam, nesse momento todos os cidadãos decidem deslocar-se para a cidade vizinha que está ali à espera, vazia e como se fosse nova, onde cada um escolherá um outro trabalho, uma outra mulher, verá outras paisagens ao abrir as janelas, passará as noites com outros passatempos amizados impropérios. Assim as suas vidas se renovam de mudança em mudança, através de cidades que pela exposição ou pela pendência ou pelos cursos de água ou pelos ventos apresentam-se com alguma diferença entre si. Uma vez que a sua sociedade é organizada sem grandes diferenças de riqueza ou de autoridade, as passagens de uma função para a outra ocorrem quase sem atritos; a variedade é assegurada pelas múltiplas incumbências, tantas que no espaço de uma vida raramente retornam para um trabalho que já lhes pertenceu.

Desse modo a cidade repete uma vida idêntica deslocando-se para cima e para baixo em seu tabuleiro vazio. Os habitantes voltam a recitar as mesmas cenas com atores diferentes, contam as mesmas anedotas com diferentes combinações de palavras; escancaram as bocas alternadamente com bocejos iguais. Única entre todas as cidades do império, Eutrópia permanece idêntica a si mesma. Mercúrio, deus dos volúveis, patrono da cidade, cumpriu esse ambíguo milagre.”

Anexo 2 - As Cidades e a Memória 2 – Isidora

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990

“O homem que cavalga longamente por terrenos selváticos sente o desejo de uma cidade. Finalmente, chega a Isidora, cidade onde os palácios têm escadas em caracol incrustadas de caracóis marinhos, onde se fabricam à perfeição binóculos e violinos, onde quando um estrangeiro está incerto entre duas mulheres sempre encontra uma terceira, onde as brigas de galo se degeneram em lutas sanguinosas entre os apostadores. Ele pensava em todas essas coisas quando desejava uma cidade. Isidora, portanto, é a cidade de seus sonhos: com uma diferença. A cidade sonhada o possuía jovem; em Isidora, chega em idade avançada. Na praça, há o murinho dos velhos que vêm a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações.”